

Tema Geral: Paz e Segurança Internacional

DISCUSSÕES E REFLEXÕES ACERCA DAS AÇÕES TERRORISTAS DO ESTADO ISLÂMICO E DO BOKO HARAM E SUAS INFLUÊNCIAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS.

Dulce Marcelle Soares Tributino.(ASCES)¹

Resumo: Atualmente, temos compartilhado e visto diariamente sobre terrorismo. Somos meio que forçados a ver imagens chocantes, destruição de templos e monumentos históricos de grande importância na história da humanidade, além de muitos mortos. Diante de notícias escritas nos jornais e revistas a respeito de grupos terroristas e suas ações ao redor do globo, há a necessidade de abrir diálogos sobre o assunto. Por não haver uma definição concreta sobre o termo “*terrorismo*”, podemos significá-lo como sendo uma forma de propagação da força e da violência de forma planejada contra pessoas e patrimônios, a fim de intimidar Estados e atingir objetivos ideológicos e governamentais. Em pleno século XXI, o mundo nunca passou por tantos impactos e transformações causadas por esses confrontos armados desde o final da Guerra Fria. Além de mortes e destruição de patrimônios, se perdem principalmente valores culturais, éticos e morais. As ações praticadas por grupos extremistas, em especial o Boko Haram e o Estado Islâmico, nos levam a refletir a respeito do mundo em que vivemos e, de que forma elas implicam nas relações internacionais, resoluções de conflitos e manutenção da paz e segurança internacional, defendidos na carta das nações unidas. Partindo do pressuposto das ações terroristas do Estado Islâmico e do Boko Haram, esse presente artigo propõe informar sobre o surgimento desses grupos, suas principais ações e pretensões e quais os efeitos causados de forma direta e indireta na política internacional, principalmente as medidas de intervenção e combate desses grupos por meio armado e militar nas regiões de domínio.

Palavras- Chave: *Terrorismo, Estado Islâmico, Boko Haram, Relações Internacionais, Segurança Internacional;*

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

1. Considerações iniciais sobre a origem do terrorismo no mundo

Influenciadas por transformações políticas, econômicas, tecnológicas e sociais o mundo vem mudando desde o início do século. Mediante essas mudanças, nunca se falou tanto sobre paz e segurança internacional, em especial, as ações de grupos perversos, sanguinários e propagadores do terror em larga escala. De uma coisa nós temos certeza, eles agem e estão em todos os lugares do globo e ameaçam de certa forma, as relações internacionais atuais. As guerras religiosas não só trazem mortes e fome, mas, principalmente criam uma situação de calamidade, destroem nações e sonhos, e vitimam milhares de inocentes.

Segundo pesquisas recentes realizadas pelas Nações Unidas, os maiores confrontos bélicos atuais surgem devido a disputas políticas, de território e brigas entre grupos étnicos e religiosos. Hoje, a maior preocupação dos Estados é o crescimento desses confrontos e propagação de ações terroristas. Está cada vez mais claro que o problema da fome e da miséria na maioria das vezes, é causado devido à ação e domínio de grupos terroristas em determinadas regiões, sobretudo na África e no Oriente Médio. No entanto, toda a forma de terrorismo seja ela qual for, é totalmente banida das constituições de Estados membros das nações unidas.

Para que possamos entender as razões que levam seres humanos a praticarem barbáries e crimes contra a humanidade, é necessário buscar fatos históricos passados e trazê-los para a nossa contemporaneidade. Antes mesmo dos ataques terroristas às torres gêmeas do World Trade Center em 2001, o uso do radicalismo religioso em nome de Alá teve início em 1928, quando foi fundada a irmandade muçulmana no Egito. A defesa da *Sharia* (Lei Islâmica) e a interpretação extremista da *Jihad*, Guerra Santa para o Islã, são características fundamentais da irmandade muçulmana. O antigo império Turco Otomano era o responsável pela política árabe, sendo a maioria muçulmana totalmente excluída dos direitos políticos e sociais. Devido a essa divisão interna, o líder islâmico Hassan Al-Banna, denunciava a situação vivida pelos islâmicos e que poderiam abandonar seus ideais e costumes após a queda do império. Seu objetivo era formar uma nova comunidade, por meio de uma reforma moral e espiritual, desde o norte da África até os países do Oriente Médio, reformulando os princípios do Alcorão e interpretando-os de forma radical. Nos anos 50, a organização contava com mais de 1 milhão de membros e lutava contra a presença estrangeira no Oriente Médio e África, sobretudo ingleses, americanos e russos. Havia também a ideologia da construção de um califado, nos moldes construídos pelo profeta Maomé, que pudesse unificar todas as nações árabes. Com a

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

morte de Al-Banna em 1949, toda a organização passou a ser chefiada por grupos radicais, que antes lutaram contra a criação do Estado de Israel em 1948.

O ódio ao Ocidente e aos seus costumes começou quando líderes americanos apoiaram a criação do Estado judaico palestino. Sendo que antes, os EUA financiavam a liga muçulmana na guerra contra Israel. Com essa mudança de posição por parte dos EUA gerou revolta na população, acusando todo o Ocidente de serem infiéis e contra o regime. Daí surge o termo *Jihad* ou Guerra santa, sendo um recurso extremista que as grandes religiões monoteístas têm usado ao longo da história para proteger o que consideram ameaça aos seus dogmas e a seus lugares sagrados. Na origem das primeiras "guerras santas" já travadas na história estão o islamismo e o cristianismo, as cruzadas são um claro exemplo de guerra santa católica. A guerra santa é uma guerra originada por diferenças entre as religiões, e também como estratégia para espalhar a sua crença através do expansionismo, fazendo uso da violência e terror em nome da religião.

O que se sabe desde então, é que a luta e a exploração pelo domínio das minas de petróleo e gás, muito presentes na região do Oriente Médio, são um dos motivos para o crescimento do ódio ocidental. No entanto, muitas dessas nações que antes financiavam e continuam financiando esses Estados e grupos possuem interesses maiores. Com a ascensão de governos ditatoriais, como o de *Sadam Hussein* no Iraque, *Anwar Sadat* e *Hosni Mubarak* no Egito, e de *Muammar Gaddafi* na Líbia, percebeu que essas nações possuíam líderes extremistas no poder e articulavam ajuda financeira a grupos armados, como também propagava uma onda de assassinatos de judeus, católicos e islâmicos. O terror islâmico começava a surgir como justificativa de combate aos *Khafir*, os infiéis na língua árabe e muçulmana por serem contrários a lei islâmica ou ideologia aplicada.

No final dos anos 80, o fim da Guerra Fria levou a uma nova ordem mundial entre os Estados, marcado por um foco nas guerras internas do que nas externas. Apesar de aparentar certa "paz" mundial, o terror sempre ameaçou as estratégias de segurança estatal. Ninguém ainda tinha se dado conta que o inimigo estava adormecido e prestes a acordar. Com os trágicos ataques de 11 de setembro de 2001, revelou-se o perigo potencial das armas de destruição em massa nas mãos de agentes não estatais, e até mesmo aviões poderiam ser usados como arma terrorista. O ataque poderia ter sido ainda maior, caso os terroristas tivessem tido acesso a armas químicas e nucleares. Após os ataques, foi então que as nações ocidentais

começaram a agir para combater um inimigo que eles próprios criaram, só não sabiam onde seria seu esconderijo.

Cheio de “ódio” e humilhado por causa do ataque terrorista, o ex presidente americano *George W. Bush* decidiu invadir o Iraque em 2003, com uma ilusão de que o ditador iraquiano *Sadam Hussein* possuía um acervo de armas químicas, nucleares e de grande propagação bélica, na qual poderia causar uma terceira guerra mundial, além de que poderiam financiar grupos terroristas e extremistas locais. Bush conseguiu o apoio da imprensa americana, além da Polônia, Grã-Bretanha e Austrália na chamada “*Guerra ao Terror*”. Ele só não sabia que *Osama Bin Laden*, líder da *Al Qaeda*, e *Sadam Hussein* eram inimigos. Havia ainda uma intenção “humanitária” de destituir o ditador e estabelecer a democracia no Iraque. Nos bastidores das operações, contudo, havia interesse de Washington em controlar o petróleo iraquiano e o domínio estratégico do Oriente Médio.

Nos anos seguintes, entretanto, a guerra tornou-se fonte de despesas e escândalos, massacres nas ruas de Bagdá e denúncias de torturas de presos iraquianos na prisão de Abu Ghraib, que abalaram a confiança no império americano. Além da guerra contra o Iraque, os EUA entraram em guerra contra o Afeganistão, ocasionando a maior crise econômica após a crise de 1929, deixando centenas de mortos e até hoje, nunca encontraram as tais armas. De certo modo, a invasão americana em 2003 foi uma continuação da Guerra do Golfo, ocorrida entre 1990-1991. Ela terminou com a deposição e captura do ditador iraquiano em 2003. Saddam foi condenado à morte e executado em dezembro de 2006. A queda do regime de Saddam marcou o fim da invasão, mas o começo de um processo de reconstrução do Iraque, que se mostrou mais demorado e difícil do que o esperado.

A invasão americana foi o maior erro cometido pelos EUA e das nações participantes. Não só pela destruição de metade do Iraque e do Afeganistão, mas, principalmente contribuiu para a ascensão do terrorismo religioso como forma de dominação estatal. O terrorismo pode ser definido como “*Prática política de quem recorre sistematicamente à violência contra pessoas ou coisas, provocando terror*”.

2. Desenvolvimento

Traçando um paralelo entre terror e radicalismo islâmico, percebe-se que ambos sempre estiveram em conjunto, principalmente para justificar a violência e se interligarem na ideologia pregada por esses grupos terroristas. Ressaltando que as ações terroristas mudaram desde seus primórdios, o terror islâmico atualmente é o

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

mais comum e, por muitas vezes, motivo de julgamentos preconceituosos contra a comunidade árabe e islâmica.

No decorrer da história mundial, diversos grupos terroristas islâmicos e não islâmicos surgiram. No entanto, o que os diferencia são os objetivos e a ideologia do seu discurso perante os outros. A forma na qual se organizam e interpretam as passagens do Alcorão, são atos considerados motivacionais para a propagação da *Sharia* ou lei islâmica. O termo *Sharia* vem do árabe, significando “caminho” das leis da fé escritas no Alcorão, além de compreender os estudos antigos de toda religião islâmica. Os radicais afirmam que ela é uma lei divina e qualquer crítica a esta, é punido com chibatadas, sacrifícios e até a morte. A *Sharia* procura descrever em detalhes todos os possíveis atos humanos, dividindo-os em "permitido" (*halal*) e "proibido" (*haram*). Em seguida, os mesmos atos humanos são classificados ainda em vários graus de bom ou mau, como obrigatório, recomendável, neutro, censurável ou proibido. Essa vasta coleção de regras regula todas as questões da vida devocional, adoração, pureza ritual, casamento e herança, infrações penais, comércio e conduta pessoal.

Além disso, ela é responsável por regular os atos do governante de determinado estado islâmico e suas relações com os não-muçulmanos no interior do estado, bem como para os inimigos fora deste. A *Sharia*, mesmo que seguida apenas pelos mais fervorosos adeptos da religião, acaba por influenciar o comportamento e visão de mundo da maioria dos muçulmanos, mesmo em estados seculares onde ela não faz parte do conjunto de leis oficiais. Infelizmente, o radical islâmico está disposto a tirar sua própria vida caso seja necessário, em prol de conceitos totalmente equivocados de suas crenças. A verdade é que o extremista faz guerra por qualquer motivo. O chamado “paraíso” pregado nos preceitos do islã seria o lugar eterno da salvação divina. O terrorista ou extremista acredita que realizando atos considerados grandes, como por exemplo, o combate aos infiéis, e chegarão ao paraíso tendo o perdão e salvação concedidos por Alá.

Devido a interpretações erradas, o Alcorão diz que não se devem atacar os não combatentes ou qualquer um, a não ser que sejamos atacados. Podemos lutar apenas por razões de defesa. Diante desse pequeno trecho, os extremistas o interpretam como se a religião estivesse sendo atacada pelos infiéis do ocidente, por meio da economia, política, militar ou cultural através da mídia ou idioma. Quanto aos métodos utilizados em suas ofensivas podem variar de grupo para grupo. Uns se especializam em seqüestros, carros-bomba ou homens-bomba, mas, quase todos os grupos

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

terroristas da atualidade possuem duas coisas em comum, uma causa e a necessidade de recursos financeiros. A ideologia jirradista prevê o retorno da glória do islã, ocorrida em meados dos séculos VI ao VIII, marcado pelo reinado de Maomé e de seus descendentes. A guerra santa é a exaltação da conquista islâmica no combate aos infiéis, como já mencionado anteriormente. Para o terrorista, o inimigo deve estar claramente conhecido e possuir influência internacional.

Em geral, o tráfico de drogas e de armamento pesado são alguns dos meios utilizados por esses grupos para obter dinheiro, a fim de continuar a financiar suas ações. A causa ou um objetivo em geral se trata de política ou religiosa, algo que possa dar característica e identidade ao grupo. Boa parte desses grupos terroristas é financiada por entidades privadas e governos de regime extremo e ditatorial, em especial Irã, Iraque e Síria foram acusados pela comunidade internacional de crimes de guerra e financiadores da onda terrorista no Oriente Médio.

Segundo o especialista em terrorismo da universidade George Washington, Dr. Jerrold Post, o principal motivo que leva alguém a tornar-se membro de uma organização terrorista é o fato dele pertencer a regiões de repressão, guerra civil e conflito constante. Em geral, são jovens e crianças que sofreram e experimentaram uma série de privações e restrições em suas vidas, e têm uma extrema necessidade de pertencer a algum grupo social e encontrar-se em algum lugar, para então culpar alguém por suas desgraças e problemas.

Diante desses questionamentos apresentados a respeito da origem do terrorismo, em especial dois grupos radicais terroristas vêm chamando a atenção dos organismos internacionais e dos Estados membros da Organização das Nações Unidas. Por suas ações sanguinárias e de violência extrema, o *Boko Haram* e o *Estado Islâmico* surgiram para amedrontar os ideais e as estratégias de manutenção da paz e da segurança mundial. Enquanto que um destrói uma região de conflito constante, o Oriente Médio, outro dizima e aterrorizam países do Norte e centro da África, como Nigéria, Chade e Congo, que já sofreram com a partilha da África e domínio de outras potências no século XX e que ainda continuam sofrendo suas conseqüências, além da fome e das epidemias de ebola e *AIDS*.

Após o início da guerra no Iraque e Afeganistão em 2003, a organização terrorista *Al Qaeda* se fragmentou em outros grupos e pequenas milícias, e passaram a agir por conta própria atuando nas regiões onde o exército americano estava presente. Outro braço se fortaleceu e se radicalizou de forma independente, tomando

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

conta de grandes porções do território no leste da Síria e do norte e oeste do Iraque, em uma região conhecida por Levante por estar próxima a fronteira entre os dois países.

Chamado de *Estado Islâmico*, conforme mencionado no parágrafo anterior pertencia a *Al-Qaeda*, e atuava na fronteira entre a Síria e o Iraque. Com as manifestações da Primavera Árabe em 2011 em todo o Oriente Médio, juntamente com o início da guerra civil síria, trouxeram motivos para intensificar a violência e o massacre do grupo. A guerra civil talvez seja o maior motivo para a propagação da barbárie do *Estado Islâmico*, ou *ISIS* como é conhecido em inglês.

A guerra civil na Síria teve início após longos protestos populares contra o governo do ditador *Bashar Al-Assad*, que governa a Síria há 15 anos. Enquanto a oposição alega estar lutando para destituir o presidente do poder para posteriormente instalar uma nova liderança mais democrática no país, o governo sírio diz estar apenas combatendo terroristas armados que visam desestabilizar o país. A verdade é que o próprio governo sírio é quem financia o Estado Islâmico. Devido às manifestações populares, o governo sírio enviou suas tropas para as cidades em conflito, resultando em muitas mortes de civis e manifestantes. Daí, desde 2011 o exército sírio foi dividido, formando o chamado *Exército Livre da Síria* que combate o regime de Al-Assad, que é fortemente acusado de usar armas químicas como o gás cloro e mostarda na população síria. O Estado Islâmico inicialmente lutava ao lado da oposição síria, e a partir de 2013 passaram a reivindicar o direito de território na região, bem como atacando qualquer grupo combatente. Conhecido por cometer torturas medievais sem piedade, o grupo terrorista é confundido como um grupo étnico fanático religioso, que prega o costume da *Sharia*, igualmente defendido por radicais islâmicos como justificativa de seus atos.

Além do *ISIS*, tropas curdas ocupam o norte da Síria e lutam contra o governo e o *ISIS*, o *Exército Livre da Síria* luta contra os curdos, *ISIS* e pequenas milícias internas. Além desses grupos combatentes, há a presença da *Frente Al-Nusra*, que ajudava o *ISIS* na guerra, mas acabou se afastando por considerar o *ISIS* bastante radical. A *Frente Al-Nusra* é um grupo militar *jihadista* e sunita extremamente agressivo. Foi criada em 2012 por soldados do exército sírio, mercenários europeus e combatentes interessados em derrubar o regime sírio. Para os EUA, é considerada uma organização terrorista por conter membros da *Al-Qaeda* no comando de suas operações.

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

Os objetivos do *Estado Islâmico* são claros, criar um Estado próprio. Um califado é uma forma de governo islâmico e representa a liderança política do islã, que aplica as ações da lei islâmica. Baseado nos seus preceitos, o islã veio como forma de elevação dos seres humanos na terra, e fazendo do seu regente a representação de Alá na terra. Ao mesmo tempo, busca a preservação da comunidade islâmica por meio de normas para então, torná-las superiores ou inferiores perante outras nações.

A fundação de um califado leva em consideração sete preceitos e condições, para que seu regente possa ocupar o lugar de chefe divino e do governo. A justiça, o conhecimento das decisões judiciais em caso de calamidades e julgamentos, a integridade da visão, audição e fala para a compreensão do que é assimilada na religião, a integridade física, o bom senso de liderança, a coragem e a bravura para a proteção do povo e ao combate de inimigos e, por fim, a descendência familiar são questões-chave para se chegar a candidato a líder do califado. O regente ou líder é mais conhecido pelo nome de *Khallifa*, protetor e chefe supremo da liderança política islâmica. Os *Khallifa* são considerados por seus seguidores como sucessores de Maomé e soberano sobre todos os muçulmanos.

Os objetivos do *Estado Islâmico* é expandir o seu califado por todo o Oriente Médio, Norte da África, chegando até Portugal e Espanha por meio da ocupação dos Balcãs, e estabelecer conexões com outras regiões do mundo, com o propósito de realizar atentados que lhes possam conferir autoridade através do terror. A mesma concepção da guerra santa para o Estado Islâmico é a mesma praticada por outros grupos locais, como *Hamas* e *Al Qaeda* que é de expansão da teocracia radical islâmica de governo pelo mundo, mediante métodos terroristas. Além do califado, o *Estado Islâmico* apresentou em junho a inserção de uma nova moeda com o símbolo do grupo para fortalecer suas ações na Síria e no Iraque. A organização também especula a possibilidade de atentados terroristas aos países ocidentais, já que encara o Ocidente como um reduto de uma moral insólita e de decadência religiosa.

Por essas razões, há desde o início de 2014 uma intensa migração de jovens europeus, afegãos, iraquianos e sírios para a região dominada pelo *Estado Islâmico*, com o objetivo de serem treinados para atuar em defesa do califado. O que se pode observar são os recrutamentos de sunitas, considerados uma minoria menos ofensiva dos praticantes do islamismo e mais abertos para os costumes ocidentais. Já a corrente xiita, os chamados radicais e fanáticos, estão no poder e a maioria são autoridades religiosas de grande prestígio e se auto proclamam *Khallifas*, sendo que

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

esse ramo corresponde a apenas 20% dos muçulmanos e muitos são descendentes do antigo exército de *Sadam Hussein*.

As estratégias usadas por esse grupo servem como meio de intimidação e de pressão para o governo local, ameaçar as nações internacionais e levantar mais seguidores para a propagação de seus ideais. O seqüestro de jornalistas e autoridades diplomáticas, estrangeiros e outras pessoas que vivem no Oriente Médio é prática corriqueira do *Estado Islâmico*. No entanto, o que chama atenção e horroriza o mundo são as torturas, apedrejamentos, decapitações, afogamentos e fuzilamentos de civis e dos reféns praticadas pelo grupo. Para eles, a morte a sangue frio pouco importa e as divulga na internet para que o mundo saiba o que acontece com, os que de certa forma, se opõe ao regime islâmico- radical. Mulheres sírias e iraquianas são usadas como objetos de satisfação sexual e muitas são vendidas como mercadorias. As crianças também são importantes para o grupo, por serem fáceis de aprender a ideologia do grupo por meio de uma lavagem cerebral. Nem os monumentos e museus históricos do Oriente Médio são respeitados. As cidades de Palmira e a de Hatra, consideradas patrimônio histórico pela *UNESCO* foram parcialmente destruídas e saqueadas. Segundo a agência americana de inteligência (*CIA*) estima que, entre 20 a 35 mil homens fazem parte da barbárie do *Estado Islâmico*.

O grupo detém um grande mercado de fornecimento de água, combustível e suprimentos para toda a população síria e iraquiana, formando monopólios e grandes centros de distribuição. Até os recursos financeiros que são doados por organizações sociais e estatais para auxílio e socorro da população estão sendo desviados, e o governo pouco faz para conseguir estagnar os saques e a corrupção dentro das áreas afetadas. Além disso, acredita-se que o *ISIS* seja financiado pelas empresas petrolíferas iraquianas e sírias, além de receber armamento do próprio governo de *Bashar- Al Assad* . O domínio de minas de gás e de petróleo na cidade de Mossul no Iraque são objetos de barganha e venda para a continuação do terror. Em Mossul, são produzidos mais de 2 milhões de barris de petróleo por dia. Já as cidades de Shaar e Baiji na Síria, possuem a maior refinaria de gás de todo Oriente Médio. Com o lucro obtido na venda de petróleo e do gás, o grupo usa os recursos na compra de armas. Infelizmente, além da Síria e do Iraque, o grupo já conseguiu chegar ao Egito, Líbia e alguns países do Norte da África.

O líder do Estado Islâmico, *Abul Bakr Al-Baghdadi* declarou em julho de 2014 ser o *Kallifa* do novo estado *jihadista*. Após a invasão americana ao Iraque em 2003, Al-Baghdadi era membro de pequenas milícias e combatia próximo à fronteira do

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

Afeganistão. Acabou sendo preso pelo exército americano e lá permaneceu durante 1 ano,mas, foi libertado por não ser considerado um “rebelde de alto risco”.

Após uma operação no Iraque em 2010, os EUA mataram o antigo líder da milícia que iria se tornar o Estado Islâmico, *Abu Omar Al-Baghdadi*. Desde então,*Al-Baghdadi* acabou se tornando líder do *ISIS*. Como líder do *ISIS*, realizou em 2011 um grande atentado à mesquita de *Umm Al-Qura* em Bagdá. Após a morte de Osama Bin Laden no Paquistão em 2011, acabou elogiando a atuação de Bin Laden e os atentados às Torres Gêmeas e fez ameaças ao Ocidente e ao governo local, em razão da morte do terrorista, acabou realizando dezenas de ataques suicidas em Mossul e Bagdá. Desde então, é considerado um dos homens mais procurados do mundo.

Embora o terrorismo possua suas origens e características instaladas no Oriente Médio e existem em outras partes do globo, uma forte presença de grupos terroristas islâmicos. O continente africano possui uma grande diversidade religiosa e ela tem sido um fator fundamental para o surgimento de conflitos e tensões, assim como a forte atuação de grupos terroristas e disputas entre cristãos e islâmicos. O islamismo é praticado por cerca de 50% da população africana, que acaba se contrapondo ao fanatismo e com as milícias e pequenas minorias cristãs. Países como Nigéria, Chade, República Centro Africana e demais países do Norte da África sofrem muito com a violência extrema, preconceito e divisões ocasionadas pela religião.

A Nigéria, país mais populoso da África e detentor das maiores usinas de petróleo do continente, atualmente têm enfrentado o surgimento de um grupo radical islâmico e visto como terrorista pela comunidade internacional. Denominado *Boko Haram*, que significa “*educação não-islâmica é pecado*” ou “*educação ocidental é proibida*” na língua *Hausa*, dialeto falado nos países do Norte da África. O grupo propaga uma onda de terror no nordeste da Nigéria, e suas ações estão fundamentadas no combate às influências ocidentais e de imposição da lei islâmica em todo país.

O grupo foi criado em 2002, mas desde 2009, vem atacando escolas, pequenas vilas e cidades e mercados, com o objetivo de pressionar a adoção do regime islâmico radical. Com o passar do tempo, o *Boko Haram* foi se tornando um grupo militar cada vez mais bem armado, recebendo inclusive vários treinamentos e ações por parte da *Al-Qaeda do Magreb* e algumas outras pequenas milícias radicais existentes no centro da África. As ações terroristas praticadas estão disseminando

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

uma onda de fome e de migração para os países vizinhos como Chade, o Marrocos e Camarões. Segundo informações recentes divulgadas pelas Nações Unidas, 35% das crianças provenientes dessa região de conflito sofrem de desnutrição severa e 40% dos adultos e jovens refugiados não têm o que comer ou estão desabrigados.

Sequestros, saques, assassinatos e táticas de tortura são as ações mais cometidas pelo *Boko Haram*. A violência extrema cometida com mulheres chama a atenção da mídia e de organizações internacionais em defesa dos direitos humanos. Por meio de seqüestros, o grupo usa as mulheres para condenar a educação das escolas ocidentais, julgando ser inadequado que mulheres freqüentem universidades ou se escolarizem. Elas são levadas para servirem de escravas sexuais do grupo e são torturadas e estupradas, até se converterem ao islã e casarem com seus torturadores. A ação mais notória e de maior destaque ocorreu em abril de 2014, quando o grupo seqüestrou mais de 200 mulheres de uma escola na cidade de Chibok. Massacres a grupos cristãos é um fato corriqueiro, inclusive a matança de mais de 60 católicos no dia de natal em 2013 foi outro fato marcante. Os civis mortos estavam assistindo as comemorações da missa do galo e o natal, considerado proibido para os ativistas islâmicos. Além das vilas e pequenas cidades, o grupo vem realizando grandes ofensivas na capital do país, Abuja. O principal objetivo do grupo é acabar com a democracia na Nigéria, além de instalar um pequeno califado no país.

No início deste ano, o grupo cometeu o maior massacre na região. Conhecido como o massacre de Baga, onde morreram mais de 2.000 pessoas, mas informações locais afirmam que o número foi bem maior. Infelizmente, a Nigéria está num patamar de extrema miséria e abandono social. Após esse massacre, o presidente nigeriano *Goodloock Jonathan* não se pronunciou publicamente sobre o assunto e estava apenas, preocupado com sua reeleição. Percebe-se que o governo, o exército e a população são totalmente reféns do grupo e ninguém se mostra disposto a enfrentar o grupo, muito menos há ação direta de outros Estados no assunto. O continente africano em si sempre foi posto de lado nos interesses internacionais.

Além do terror espalhado, há um grande desafio para tentar explicar as ações e os significados para a existência do *Boko Haram*. Pela carência de fontes e artigos a respeito do grupo e pela pouca importância das nações para com a África, cada dia é mais difícil contextualizar os fatos e associá-los com o terrorismo. A única que coisa que podemos inferir é que esse é mais um grupo terrorista armado, que poderá causar problemas para o Ocidente. Outro fator relevante é que, o continente africano é pouco

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

conhecido por sua diversidade religiosa, mas marcado pelas epidemias de doenças e miséria causadas pela exploração e divisão de suas colônias desde o século XV.

Considerando que tanto o *Boko Haram* quanto o *Estado Islâmico* possuem alguns pontos em comum. A proposta do radicalismo religioso e a violência extrema se mostram presentes em suas ações. A existência do califado também se tornou um objetivo peculiar a ser implantado pelo *Boko Haram*, mas, enquanto que o Estado Islâmico visa claramente a sua expansão territorial de forma ampla, sobretudo para a ocupação de países ocidentais, o *Boko Haram* tenta instalar seu governo islâmico somente na Nigéria e desde então, não pretendem a priori, ataques a países ocidentais ou aumento de influências territoriais.

A questão do financiamento e obtenção de dinheiro é outro ponto a ser observado. Pelo presente contexto de guerra civil e de histórico freqüente de conflitos religiosos persistentes, o domínio por regiões petrolíferas e minas de gás do Oriente Médio, somado ao radicalismo religioso e forte presença de governos ditatoriais fez com que o *Estado Islâmico* se fortalecesse e ocupasse várias regiões do Iraque e da Síria. Muitos dos seus membros fazem parte de partidos políticos, e possuem alto poder aquisitivo de bens e dinheiro. Já no caso do *Boko Haram*, a conjuntura vivida no Oriente Médio é oposta à Nigéria. Os problemas da África também remetem dos séculos passados, como a forte presença da colonização dos países europeus, o tráfico negreiro e escravo para as colônias da América e Europa para trabalho forçado, a exploração de recursos naturais e minerais dos países africanos e por fim, o genocídio e confrontos étnicos são os principais fatores de incentivo para o crescimento do *Boko Haram*.

No entanto, os membros desse grupo estão abaixo da linha da pobreza, se pondo em um patamar de extrema miséria e sem esperanças de melhoria na qualidade de vida, e principalmente não possuem instrumentos de troca ou barganha como água ou alimento, atos comuns praticados pelo *Estado Islâmico* para conquistar e enganar a população local. A luta contra um governo autoritário e antidemocrático não é relevante para o *Boko Haram*, apesar de o governo nigeriano agir pouco contra os militantes fanáticos, a verdade é que a Nigéria possui um regime democrático. Para que o grupo continue a existir, recorrem facilmente a roubos e altas recompensas pelo seqüestro de vítimas, sobretudo mulheres e crianças. O repúdio aos meios de educação ocidental é a principal questão de combate pelo *Boko Haram*, visto a imposição da educação islâmica exagerada e extremista como forma de aprendizado nas escolas do país.

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

Mais recentemente, a mídia especulou que os dois grupos havia jurado lealdade mútua e formado uma aliança, cujo objetivo seria atuar nos países do norte e leste da África. Isso aconteceu após um grave incidente de decapitações e execuções pelo *Estado Islâmico* contra um pequeno grupo de cristãos egípcios na Líbia, conforme apresentado anteriormente em parágrafos anteriores. No momento, não existem fatos que comprovem uma ação conjunta entre os dois grupos na propagação de suas ideologias terroristas. Ao contrário do que muitos acreditam numa possível aliança, a distância territorial entre a Nigéria e as regiões dominadas pelo *Estado Islâmico* estão bastante distantes e de difícil acesso, tanto pelo mar quanto por terra. A Líbia seria a ponte mais próxima entre os dois continentes, visto que é considerado um ponto estratégico após a queda do regime ditatorial e sanguinário de *Muammar Gaddafi* em 2011. Além disso, a região possui influência nos confrontos pela região do *Sahel*, faixa territorial que corta toda a África Subsaariana, e compreende a divisão de países acima e abaixo do deserto do Saara, bem como ter participado da onda revolucionária da Primavera Árabe em 2011 e desde aquele tempo, ainda persistir o clima de uma segunda guerra civil interna. Outro ponto relevante de influência para o *Boko Haram* é a não existência escancarada entre maioria xiita e sunita, assim como há no Oriente Médio. Todavia, existe uma competição forte entre os dois grupos na propagação de sua ideologia, não necessariamente seria uma aliança do terror.

Ainda convém ressaltar que, a indústria do terror movimentava bilhões de dólares mundo afora e não é de hoje, que potências ocidentais adentraram o Oriente Médio em busca de supremacia e poderio bélico. Diante destas circunstâncias, muitas acabaram por fornecer armas de grande alcance para minorias lutares contra governos autoritários locais, para então mostrar sua hegemonia e poder. Analisando pelo contexto em curto prazo, se obteve um grande movimento da indústria bélica, sobretudo de armamentos russos e americanos na região, além de conquista de regiões fornecedoras de petróleo. Por outro lado, a ocupação e a presença de tropas militares nas regiões de conflito trouxeram e ainda trazem muita destruição, além de mortes de dezenas de civis. Para o terrorista, o uso da força bélica como pressão estatal é seu objetivo principal.

Em consequência disso, nota-se uma maior participação dos Estados no combate ao terrorismo, onde 32 nações se consideram prontas para lutar contra o *Estado Islâmico* em parceria com a OTAN. Além da OTAN, a comunidade internacional possui um instrumento de ampla importância contra o terrorismo, que é o *Conselho de Segurança das Nações Unidas*. Formado por 5 membros permanentes

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

(EUA, Rússia, França, China e Reino Unido) mais 10 membros não-permanentes, presentes por meio de voto da Assembléia Geral para um mandato de dois anos.

As Nações Unidas em sua carta determina a manutenção da paz e da segurança internacional, repudiando qualquer forma de terrorismo por seus Estados membros. O Conselho de Segurança é o único órgão capaz de votar e sancionar decisões para todos os seus Estados membros, inclusive pode autorizar missões políticas e de paz, assim como intervenções militares nas regiões de ameaça terrorista.

Isso sem contar que, os grupos terroristas não possuem exatamente um poder para iniciar uma grande guerra contra um Estado, por não possuir um apoio perante um governo. Para os EUA, desde os atentados de 11 de setembro de 2001, as medidas de combate ao terror são vistas como prioridade. Junto aos esforços americanos, houve grandes avanços contra a propagação desses grupos, mediante as leis antiterroristas promulgadas por cada país, e aumentando de forma significativa os investimentos em segurança. No entanto, infelizmente sabemos que o terrorismo é praticamente impossível de ser extinto.

Ao retomar o assunto do terrorismo no continente africano, se encontra uma grande falta de interesse da parte de outras nações em combater o *Boko Haram*. As Nações Unidas se encontram de mãos atadas, e pouco tem feito para intervir em ações de auxílio às regiões dominadas. Uma forma de intervenção seria feito em parceria com outros Estados africanos, caso os mesmos queiram cooperar numa ação conjunta de caráter militar. No entanto, há um grande risco para o aumento da destruição e calamidade, já vivida pela população local.

Em relação às intervenções militares contra o *Estado Islâmico* no Oriente Médio, a situação já possui um motivo fixo e claro que é a guerra civil síria e o regime autoritário de *Bashar Al-Assad*. Devido a esses motivos, muitas nações já começaram a agir de forma mediata, uns em apoio ao regime e outros contra o *Estado Islâmico*. Há também outros Estados que torcem pela queda do ditador sírio, como é o caso dos EUA. Percebe-se que desde o início do fortalecimento do *Estado Islâmico*, em consequência da retirada das tropas americanas do Iraque em 2011, que são realizadas diversas operações aéreas e navais, sobretudo partindo dos EUA com o apoio de várias nações árabes.

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

Há poucos dias, foi confirmada a presença de uma grande ofensiva russa contra o *Estado Islâmico*. O próprio presidente russo, *Vladimir Putin*, afirmou no último encontro da *Assembléia Geral das Nações Unidas*, ser totalmente a favor de intervenção militar contra os centros de comando do grupo, deixando claro que o inimigo do regime sírio é o *Estado Islâmico* e que está aberto para todas as nações que queiram atuar em conjunto contra eles. Diante dessas afirmações, países como França e China já se mostraram dispostos a cooperar, enviando exércitos para a Síria e o Iraque através do canal de Suez. Com essa intervenção russa, juntando o apoio de Estados importantes, é esperado que o grupo terrorista perca força e amenize a situação de calamidade da região, fazendo com que o grande número de refugiados, que entram aos montes em destino a Europa, decaia com o enfraquecimento da guerra.

3. Considerações finais

Em virtude dos fatos aqui apresentados, todos nós sabemos que essa guerra entre diversos grupos terroristas e o ocidente jamais terá fim. Portanto, é necessário que aja ações de impedimento de recrutamento de pessoas para atuar nesses grupos, em especial crianças e jovens, além de se encontrar meios para o corte e redução de recursos de subsistência desses grupos, criando assim certa instabilidade interna e seu desmembramento, para então a sua extinção. Por fim, é de extrema importância que os Estados tenham a plena consciência de suas ações de intervenção militar nessas regiões, bem como as consequências geradas por esses atos, deixando claro que a segurança global e a paz internacional devem prevalecer acima de tudo, a fim de se evitar um confronto internacional de altas proporções, ou até um estopim de uma terceira guerra mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Sites de pesquisa:

ONU Brasil, Disponível em:<<http://nacoesunidas.org/acao/terrorismo/>> Acesso em 14/08/2015

ONU Brasil, Disponível em:<<http://nacoesunidas.org/acao/paz-e-seguranca/>> Acesso em 14/08/2015

Portal G1, Disponível em:<<http://g1.globo.com/tudo-sobre/estado-islamico>> Acesso em 14/08/2015

Portal Terra, Disponível em:<<http://noticias.terra.com.br/mundo/desvende-o-estado-islamico/>> Acesso em 14/08/2015

Jornal CM, Disponível em:<HTTP://www.cmjornal.xl.pt/mundo/detalhe/atentato_que_mudou_o_mundo_foi_ha_13_anos.html> Acesso em 14/08/15

História do Mundo, Disponível em:<<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/historia-irmandade-muculmana.htm>> Acesso em 26/09/15

História do Mundo, Disponível em:<<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/invasao-americana-no-iraque.htm>> Acesso em 27/09/15

Revista Veja, Disponível em:<<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/jihadistas-proclamam-um-estado-islamico-entre-o-iraque-e-a-siria/>> Acesso em 27/09/15

Revista Época, Disponível em:<<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/08/o-califa-da-bbarbarieb.html>> Acesso em 30/09/15

Portal G1, Disponível em:<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/05/grupo-extremista-boko-haram-surgiu-como-seita-e-virou-grupo-armado.html>> Acesso em 30/09/15

Revista Exame, Disponível em:<<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/quem-e-boko-haram-grupo-que-sequestrou-centenas-na-nigeria>> Acesso em 30/09/15

Jornal Estadão, Disponível em:<<http://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/manual-para-entender-o-massacre-de-baga-na-nigeria/>> Acesso em 30/09/15

- **Artigos e livros:**

¹Aluna do curso de relações internacionais da faculdade ASCES

CASTRO,Thales. et al- Relações internacionais contemporâneas: teorias e desafios - Curitiba: Íthala,2014. 250p

SEITENFUS, Ricardo- Relações internacionais-Barueri-SP: Manole, 2004. 261p

GARCIA, Eugênio Vargas- Conselho de Segurança das Nações Unidas- Brasília: FUNAG, 2013. 136p

GHISLENI, Alexandre Peña- Direitos humanos e segurança internacional: o tratamento dos temas de direitos humanos no Conselho de Segurança das Nações Unidas- Brasília: FUNAG, 2011. 292p

FAGANELLO, Priscila Liane Fett- Operações de manutenção da paz da ONU: de que forma os direitos humanos revolucionaram a principal ferramenta internacional da paz- Brasília: FUNAG, 2013. 376p

ONU- Carta das Nações Unidas e estatuto da corte internacional de justiça- São Francisco, 1945. 90p

BEYER, Cornelia- Understanding and explaining international terrorism: on the interrelation between human and global security- Inglaterra, 2008. 76p

AL BRITANI, Abu Rumaysah- A brief guide to the Islamic state- Inglaterra, 2015. 47p

TAHRIR UT HIZB, Taqiuddin An-Nabhani- The Islamic state- Londres, 2014. 290p

CAMPBELL,John- Boko Haram: Origins, challenges and responses- Nova York, 2014.4p

BOSTON, University African Studies- Boko Haram: Behind the headlines-Estados Unidos, 2014. 10p

BUZAN, Barry; HASEN Lene- The evolution of international security studies- Londres, 2009. 402p

LIZARDO,Omar- Defining and theorizing terrorism: a global actor-centered approach- Paris, 2008. 91-118p

WALKER, Andrew- What is book haram? - Washington D.C, 2012. 16p

BUNZEL, Cole- From paper state to caliphate: The ideology of the Islamic state- Washington D.C, 2013. 46p